

Oswald de Andrade: a Semana de Arte Moderna e além

Oswald de Andrade: the Week of Modern Art and beyond

Maurilia Valderez Lucas do Amaral³⁸

À Marília Beatriz, companheira de muitas devorações.

RESUMO: O artigo reflete sobre a questão da ‘canibalização’ das vanguardas europeias por Oswald de Andrade no contexto do movimento modernista de 1922. Através da tese da *congenialidade*, o texto questiona a hipótese de transplantação cultural ou cópia dos experimentalismos europeus pela Antropofagia para pensar o primitivismo nativo como arma crítica que tem como alvos a desmistificação da história escrita, do patriarcado e da cultura intelectual a que esta deu nascimento. Ao lado do conceito de *congenialidade*, utilizo o princípio metodológico da *diferença* para mostrar que a problemática das influências se manifesta no espaço da *intertextualidade*, que faz do espaço textual uma cena dramática que encena a cena do choque das culturas. Nessa perspectiva, a devoração antropofágica no manifesto faz colidir as visões de mundo dos ameríndios e dos civilizados, estilhaçando a centralidade da racionalidade europeia denunciando-a na perspectiva das catequeses do pensamento.

Palavras-chave: Oswald de Andrade. Semana de Arte Moderna de 1922. Canibalismo literário. Transplantação cultural. Congenialidade. Intertextualidade. Devoração antropofágica.

ABSTRACT: This article reflects about the issue of Oswald de Andrade’s ‘cannibalization’ of European avant-gardes in the 1922’s context of modernista movement. Through the *congeniality* thesis, this text questions the cultural transplantaion or the copy of European experimentalisms hypothesis by the Anthropophagy to think about native primitivism as a critical weapon that aims to demystify the written history, patriarchy and

38 Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso Ms. em Educação – UFMT. mauderrez@gmail.com.

the intellectual culture to which it gave birth. Alongside of the *congeniality* concept, I use the methodological principle of difference to show that the influences problem manifests itself on the *intertextuality* space which makes the textual space a dramatic scene that stages the clash of culture scene. From this perspective, the anthropophagic devouring of the manifesto makes the worldviews of the Amerindians and the civilized collide, shattering the centrality of European rationality, denouncing it in the catechesis of thought perspective.

Keywords: Oswald de Andrade. 1922 Modern Art Week. Literary cannibalism. Cultural transplantation. Congeniality. Intertextuality. Anthropophagic devouring.

Cardápio

Entrada: De olho nas vanguardas: o perigo da experimentação

Na esteira das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, nada mais oportuno do que retomar o movimento *Antropofágico* liderado por Oswald de Andrade, cujas ideias lançadas no manifesto *Antropófago* e, posteriormente, desdobradas nos seus textos ensaísticos, como *A crise da Filosofia Messiânica* (1950) e a *Marcha das Utopias* (1953), que continuam a ‘polinizar’ o campo das artes e do pensamento no Brasil³⁹, mostrando-se ainda atuais, sinalizando para a “necessidade da vacina antropofágica”⁴⁰ entre nós. O que me proponho a fazer nesse texto é problematizar a questão da ‘canibalização’ das vanguardas europeias, realizada por Oswald de Andrade no contexto do Movimento Modernista de 1922, tomando como referência os manifestos *Pau-Brasil* de 1924 e *Antropófago*, de 1928. Para mostrar a singularidade da Antropofagia por oposição a ideia de cópia, transplantação cultural e coisas do gênero, e para me orientar nessa investigação, tomo como bússola as abordagens de Benedito Nunes, em seu já clássico *Oswald Canibal*⁴¹, as análises de Silviano Santiago, em seu livro *Uma literatura nos trópicos*⁴²,

39 Cito aqui algumas publicações recentes sobre a Antropofagia e Oswald de Andrade: Bruna Della Torre de Carvalho Lima, *Vanguarda do Atraso ou Atraso da Vanguarda?: Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil*, São Paulo, Alameda, 2018; Beatriz Azevedo, *Antropofagia Palimpsesto Selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2016; Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha (org) *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em Cena*, São Paulo, Realizações Editora, 2011; Suely Rolnik *Antropofagia Zumbi*, Lisboa, Portugal, 2021, Oca Editorial (Cadernos Ultramares); *Revista Das Questões: Antropofagias futuras*, V. 11, n.1, abril de 2021; disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37657>. Acesso em: 17 jan. 2022; cito também Eduardo Viveiros de Castro *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*, São Paulo, Cosac Naify, n-1 edições, obra fundamental para se pensar a descolonização do pensamento um dos temas do manifesto Antropófago.

40 Entre os aforismos do Manifesto Antropófago Oswald de Andrade decretava: “O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.” Manifesto Antropófago, in *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, p. 15.

41 Benedito Nunes, *Oswald Canibal*, São Paulo Perspectiva, 1979 (Col. ELOS).

42 Silviano Santiago, *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva/Secretaria da Cultura e da Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. Col. Debates.

e a leitura de Beatriz Azevedo sobre o manifesto Antropófago, em seu belíssimo livro *Antropofagia Palimpsesto Selvagem*⁴³. Através desses ensaístas entram em cena as contribuições de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Leyla Perrone Moisés, Lucia Helena e Maria Eugenia Boaventura, dentre outros que se dedicaram ao tema em questão e com os quais estes estudiosos do modernismo e mais especificamente da antropofagia oswaldiana dialogam.

Já se tornou um lugar comum afirmar que o surgimento do movimento modernista nos anos 1920 foi de capital importância para os rumos da literatura no Brasil. No interior desse movimento, que reuniu diversos grupos com tendências estéticas distintas e mesmo divergentes, desponta a figura alegre e irreverente de Oswald de Andrade, o “ponta de lança” do nosso modernismo. Sua atuação foi decisiva para definir os rumos do movimento e a sua dialética interna. O *Manifesto Pau-Brasil*, publicado em 1924, irá assinalar o início do processo de diferenciação ideológica no interior do movimento, que alcançará sua radicalização máxima em 1928, com a publicação do *Manifesto Antropófago* na *Revista de Antropofagia*, e posteriormente como página semanal do *Diário de São Paulo*. Nas palavras de Benedito Nunes o *manifesto Pau-Brasil* inaugura o primitivismo nativo e apresenta uma “[...] apreciação da realidade sociocultural brasileira”, cabendo ao *manifesto Antropófago* realizar o seu diagnóstico⁴⁴.

A ideia de que a vanguarda brasileira tenha ‘bebido’ nos experimentalismos europeus, canal por onde teria penetrado o primitivismo na programática modernista, foi amplamente discutida por Heitor Martins, no seu célebre e polêmico ensaio “*Canibais europeus e antropófagos brasileiros* (introdução aos estudos das origens da antropofagia)⁴⁵. Seu objetivo neste texto: investigar as fontes da antropofagia literária. Para isso, irá reconstituir o percurso intelectual de Oswald de Andrade em Paris, marcado pelo seu contato com as vanguardas artísticas da época. Ao mapear essa trajetória, encontrará elementos do conceito e da metáfora

43 Beatriz Azevedo, *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2016.

44 Antropofagia ao alcance de todos *In: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

45 Canibais europeus e antropófagos brasileiros (introdução ao estudo das origens da antropofagia), *In: Oswald de Andrade e outros*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1973.

antropofágica no Futurismo italiano, no Dadaísmo e no Surrealismo. Daí sua tese de que a antropofagia oswaldiana não passaria de uma cópia do canibalismo literário europeu, tal como aparecia nas obras e manifestos daqueles movimentos. Sobre a presença dessa temática na arte e na literatura modernas diz o autor:

A presença do Antropófago como símbolo da literatura vanguardista da década de 20 é excepcionalmente importante. O canibal é o último grau de um primitivismo chocante ao espírito ocidental recém-saído do helenismo parnasiano e das **finesses** doentias da *art nouveau*. A quem buscasse desmoralizar a estrutura burguesa da sociedade e da cultura da época nada mais normal que o aproveitamento desse elemento. Ao mesmo tempo, a valorização de qualidades físicas, animais, e a degradação do intelectualismo estão em período de crescimento.⁴⁶

A presença do canibal colore os textos do futurista Marinetti. Ao usar o canibalismo como tema, o escritor italiano, segundo Heitor Martins, está preocupado em explorar a força metafórica do termo, da mesma forma que Oswald de Andrade o fará quando da sua utilização no manifesto e no ideário antropofágico de modo geral. Mas, as influências não param na Itália. Oswald, de acordo com a interpretação desse crítico, não ‘bebeu’ apenas nos textos do futurista Marinetti. A dívida maior vem da França, que o antropófago brasileiro visita no ano de 1923.

Durante sua permanência em Paris, em meio a várias e ousadas manifestações das vanguardas, o movimento surrealista começava a tomar corpo e preparava-se a última manifestação ‘Dada’. Todos esses acontecimentos tinham um forte ponto de apoio na livraria “Au sans Pareil”, considerada na época a melhor distribuidora comercial das obras de vanguarda. É de supor, segundo Heitor Martins, que Oswald de Andrade tenha tomado conhecimento das últimas manifestações do Dadaísmo, através do contato “com a livraria de René Hilsum. A ligação do escritor modernista com “Au sans Pareil” é tão estreita a ponto de seu proprietário se responsabilizar pela impressão de *Pau-Brasil*, em 1925. Para o ensaísta, esse fato não significaria apenas a ligação entre

46 Ibid., p. 21 e ss.

Oswald de Andrade e a livraria, mas atestaria também o interesse do escritor brasileiro em participar do movimento francês.

Mas, seria no manifesto *Canibal* e na revista *Cannibale*, documentos de crítica corrosiva à ordem e instituições burguesas, que as coincidências entre a Antropofagia e o movimento francês apareceriam de modo acentuado. O manifesto, publicado em *Dadaphone*, boletim Dada, em março de 1920, no seu intuito de agredir a burguesia, tarefa na qual obteve pleno êxito, acabaria por popularizar a expressão antropófago ou canibal, que seria doravante empregada para definir os Dadaístas.⁴⁷

Embora seja inegável a clara dependência formal e conceitual da Antropofagia oswaldiana ao pensamento francês, para Heitor Martins ela não tem o radicalismo que marcou o movimento liderado por Picabia. Na ótica do ensaísta a Antropofagia, assim como o Surrealismo, seriam formas diluídas do Dadaísmo, pois ambos pretenderiam impor uma disciplina e uma ordem ao caos dadaísta. Nesse sentido, a Antropofagia de Oswald de Andrade seria uma espécie de “Surrealismo a brasileira”, “um movimento reformista, cujo radicalismo é mais aparente que real e cuja validade não pode se equiparar à verdadeira experiência nacional, feita naquele momento por Mario de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, foram logo acrescentados dos romancistas nordestinos.”⁴⁸

O débito do escritor modernista para com o Surrealismo transparecia na valorização que a *Antropofagia* conferia ao clima onírico e na sua preocupação com a psicanálise e com o freudismo. Essa dívida aparece também, segundo Heitor Martins, em certos procedimentos formais utilizados por Oswald de Andrade em seus poemas como os *objets trouvés*.⁴⁹ Portanto, a presença do arsenal surrealista na Antropofagia

47 Ibid., cf. passagens do manifesto canibal e referências sobre a *Revista Cannibale*, p. 28-33.

48 Canibais europeus e antropófagos brasileiros. (introdução ao estudo das origens da antropofagia), p. 36, *In: Oswald de Andrade e outros*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1973.

49 Para Haroldo de Campos, os *objets trouvés* são semelhantes aos *Ready Made*. Comentando sobre crítica desse procedimento e sua presença na poesia de Oswald de Andrade, diz o crítico: “[...] o *ready made* contém em si, ao mesmo tempo o elemento de destruição e de construção, de desordem e de nova ordem. São exemplos deste procedimento os poemas-paródia em que as peças obrigatória dos florilégios nacionais, como a ‘*Canção do Exílio*’, de Gonçalves Dias, ou ‘*Meus Oito Anos*’, de Casimiro de Abreu, são reescritos com uma cerimônia lustral”. Uma poética da radicalidade, p. 28-30, *In: Oswald de Andrade Poesias Reunidas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

brasileira não faz mais do que reforçar a tese da dependência do movimento oswaldiano aos experimentalismos europeus do início do século XX. De acordo com essa interpretação, pode-se dizer que o papel de Oswald de Andrade no âmbito do movimento de 22 se reduziria ao de mero divulgador dos experimentalismos europeus pois, como observa Heitor Martins, “Incapaz de ir além do que havia recebido em Paris, Oswald de Andrade deixa-se lentamente cozinhar no molho chocho de uma eterna reforma, que a revolução modernista ultrapassara e que ele jamais compreendeu em sua inteireza”.⁵⁰

Portanto, para esse crítico do movimento de 1922 as formulações estéticas do *Antropófago* brasileiro careciam de originalidade e especificidade; mais que isso, sendo ‘filha’ da transplantação cultural a *Antropofagia* seria, no campo da arte e da literatura modernistas, a expressão de um desajuste com o contexto cultural do país. Tendo provado a entrada do cardápio que preparei, convido o leitor para degustar na sequência o prato principal, que apresenta uma outra perspectiva de análise sobre o problema da dependência cultural, visto que aponta para um outro saber/sabor da relação de Oswald De Andrade com os “ismos europeus”.

Prato principal: quando a “pilhagem” não é pecado

Ao exame da mesma questão e como uma forma de resposta à tese de Heitor Martins, Benedito Nunes dedicou o ensaio *Antropofagia e Vanguarda – acerca do Canibalismo Literário*⁵¹. Apesar de reconhecer a procedência das críticas do ensaísta de “Canibais europeus e Antropófagos brasileiros” no que se refere as principais influências das vanguardas europeias na Antropofagia oswaldiana, Benedito Nunes não concorda com o desfecho da interpretação que reduz o movimento brasileiro a uma simples cópia do canibalismo europeu, a saber, o modelo culinário-erótico de Marinetti e o modelo agressivo antiburguês de Picabia.

50 Canibais europeus e antropófagos brasileiros. (introdução ao estudo das origens da antropofagia), p. 36, *In: Oswald de Andrade e outros*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1973, p. 36.

51 Benedito Nunes, *Antropofagia e Vanguarda: acerca do Canibalismo Literário* *In: Oswald Canibal*, São Paulo: Perspectiva, 1979. (Col. Elos).

Para o autor de “Antropofagia e Vanguarda” a fragilidade da interpretação de Heitor Martins decorre do procedimento metodológico por ele utilizado. Nas palavras de Benedito Nunes “Dados os antecedentes *a* e *b* de *C* (a ‘antropofagia’ oswaldiana), *C* é o efeito análogo de que *a* e *b* são as causas necessárias, portanto originais, não cabendo a *C*, que delas resulta, senão a categoria de reflexo ou decalque”.⁵² Ao adotar esse procedimento o crítico acabaria por ficar preso a uma leitura mecanicista do problema, sendo incapaz de perceber “[...] que as influências quando são profícuas equivalem a um sistema de confluências, dentro do processo intercomunicativo que se chama história da literatura”.⁵³ Nesse sentido, o conceito de reflexo enquanto princípio metodológico se mostraria insuficiente para explicar a presença, quase simultânea no movimento de 1922, de procedimentos formais e conceituais comuns às vanguardas europeias.

Adotando como princípio metodológico a tese de Antonio Candido⁵⁴ sobre a *congenialidade* do modernismo de 1922, Benedito Nunes, ao contrário de Heitor Martins, irá defender o caráter específico da antropofagia oswaldiana como uma crítica violenta que tem como alvos a desmistificação da história escrita, do patriarcado e da cultura intelectual a que esta deu nascimento. Vejamos então em que consiste a tese da *congenialidade* e, em que medida, sem negar a presença das influências, ela pode explicar a relação da vanguarda brasileira com os experimentalismos europeus, não como um fenômeno de transplantação cultural, mas como uma experiência dotada de uma singularidade. Segundo Antonio Candido:

No Brasil as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana ou são reminiscências ainda vivas de um passado recente. As terríveis ousadias de um Picasso, um Brancusi, um Max Jacob, um Tristan Tzara, eram, no fundo, mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles. O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica, nos predispunha a aceitar e assimilar processos artísticos que na Europa representavam

52 Ibid., p. 14.

53 Benedito Nunes, *Antropofagia e Vanguarda: acerca do Canibalismo Literário In: Oswald Canibal*, p. 15.

54 Antonio Candido, *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980.

ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais. Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte europeia por um mergulho no detalhe brasileiro. É impressionante a concordância com que um Apollinaire e um Cendrars ressurgem, por exemplo, em Oswald de Andrade.⁵⁵

Ou seja, aquilo que, aos olhos de Heitor Martins, era visto como ‘pecado’, na perspectiva da *congenialidade* ganha ares de singularidade. A propósito, as reflexões de Antonio Candido sobre o problema das influências na vida cultural do país não se esgotam na formulação dessa tese. Essa questão é assim explicitada no ensaio *Literatura e subdesenvolvimento*⁵⁶:

Encaremos [...] serenamente o nosso vínculo placentário com as literaturas europeias, pois ele não é uma opção, mas um fato quase natural [...] Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla da qual participamos como variante cultural [...] é uma ilusão falar de supressão de contatos e de influências. [...] Num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem no sentido de uma atitude patriótica...

Voltemos ao nosso antropófago e aos canibalismos europeus, agora na perspectiva da tese de Antonio Candido. A tese da *congenialidade* nos permite pensar a temática do primitivismo não mais como mero fenômeno de importação cultural, como pregava Heitor Martins, mas como de convergência da vanguarda brasileira com o movimento europeu, além de trazer uma contribuição para a pesquisa das ‘origens’ que a temática da brasilidade solicitava. A interpretação proposta por Benedito Nunes ensina que a presença do canibalismo na literatura e arte europeias da década de 1920 pertencia ao território mais amplo da primitividade, que vinha de encontro a civilização técnica e que fora descoberto e valorizado pelos trabalhos da Etnologia⁵⁷, da Linguística

55 Antonio Candido, *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980, p. 121.

56 *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 353-55, In: *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: UNESCO/Perspectiva, 1972. (Col. Estudos 52).

57 Para Jacques Derrida “[...] a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se operou em descentramento: no momento em que a cultura europeia- e por consequência a história da Metafísica e seus conceitos – foi *deslocada*, expulsa do lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência.” In: *A escritura e a diferença*, São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 234. (Col. Debates).

e da Psicanálise. Trata-se do encontro entre os signos da primitividade e os da técnica, como mostra Benedito Nunes:

[...] verificou-se no momento em que a reflexão filosófica tentava, sob o empenho das correntes vitalistas racionalizar o Irrracional. Começa então, esse diálogo que até hoje continua entre o pensamento lógico e o pensamento selvagem, a cujo desenvolvimento se deve, em parte, a tremenda autoanálise do homem contemporâneo, que se dilacera a si mesmo, dilacerando seus mitos.⁵⁸

Considerada nessa perspectiva, a temática do primitivismo não era simplesmente uma questão de modismos e de provocação ao modo de vida burguês, como afirmava Heitor Martins. Na verdade, ela era um dos sintomas da crise da cultura que fraturara a sociedade ocidental com o advento da modernidade. Nas palavras de Benedito Nunes:

O primitivismo correspondeu ao sobressalto étnico que atingiu o século XX, encurvando a sensibilidade moderna menos da direção da arte primitiva propriamente dita do que no rumo, por essa arte apontado, em decorrência do choque que a sua descoberta produziu na cultura europeia, do ‘pensamento selvagem’ – pensamento mitopoético, que participa da lógica do imaginário, e que é selvagem por oposição ao pensar cultivado, utilitário e domesticado.⁵⁹

Portanto, “os antecedentes da Antropofagia literária” eram oriundos desse território de primitividade e compreendia, entre seus temas, a mentalidade pré-lógica de Levy-Bruhl e o inconsciente freudiano. De acordo com esse enfoque, a utilização dos procedimentos dadaístas e surrealistas por Oswald de Andrade em nada comprometia a qualidade e a relação do seu trabalho com o contexto brasileiro, como pretendia Heitor Martins; enquanto componentes vivos da cultura brasileira, os signos da primitividade vão funcionar como elementos de mediação entre o sentimento nativo e a valorização, operada pelas vanguardas

58 Benedito Nunes, *Antropofagia e Vanguarda: acerca do Canibalismo Literário*. In: *Oswald Canibal*, p. 19.

59 Benedito Nunes, *A Visão Poética Pau-Brasil*, In: Oswald de Andrade *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, Obras Completas, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.xix. Nessa passagem, Benedito Nunes se refere a definição de pensamento selvagem de Claude Lévi-Strauss, cf. nota 4.

européias, dos elementos mágicos, intuitivos e irracionais da existência humana.⁶⁰

Ao lado das análises de Benedito Nunes, considero oportuno inserir as reflexões de Silviano Santiago⁶¹ sobre a questão da dependência cultural. Antes de passar a palavra ao autor de *Uma literatura nos trópicos*, resalto que as considerações desse crítico ao problema das influências vale não apenas para Heitor Martins, autor de *Canibais Europeus e antropófagos brasileiros*, que condena a atitude oswaldiana de ‘beber’ nas vanguardas européias, mas se aplicaria a toda a crítica que orienta sua investigação na direção adotada pelo referido ensaísta. A análise de Silviano Santiago possibilita um outro enfoque do problema da dependência cultural e, além disso, o que ele tem a dizer sobre o estudo das “fontes” vale não apenas para a literatura, mas se aplicaria à produção artística latino-americana de um modo geral.

No texto *O entre-lugar do discurso latino-americano*, Silviano Santiago considera que o discurso crítico que se orienta na direção das “fontes” e das influências deixa-se guiar pela ideia de uma obra parasita “[...] que se nutre de uma outra, sem nunca lhe acrescentar algo de próprio; uma obra cuja vida é limitada e precária, aprisionada que se encontra pelo brilho e pelo prestígio da fonte, do chefe-de-escola”.⁶² Para esses críticos, a “fonte” é uma espécie de “estrela intangível e pura”, capaz de conferir inteligibilidade aos trabalhos do artista latino-americano guiando seus gestos, ao mesmo tempo que o transforma em súdito. Encontrando sua razão num *Outro* que é afirmação do *Mesmo*, que vive e se alimenta do apagamento das suas diferenças, a obra parasita “[...] fica ainda e sempre sujeito ao campo magnético aberto pela estrela principal e cujo movimento de expansão esmigalha a originalidade do outro objeto e lhe empresta a priori um significado paralelo e inferior”.⁶³

60 Ibid., Cf. p. 19.

61 *Uma literatura nos trópicos*, São Paulo: Perspectiva/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. (Col. Debates-155).

62 *Uma literatura nos trópicos*, 1ª edição, p. 20; 2ª edição, Rocco, 2000, p. 18.

63 Ibid. p. 20; p. 18, 2ª edição Rio de Janeiro, editora Rocco, 2000.

Abrindo seu texto *O entre-lugar do discurso latino-americano* com uma espécie de viagem ao passado colonial dos povos latino-americanos, Silviano Santiago chama a atenção para a procedência de um tal método, quando a história revela-nos que desde as suas origens esses povos foram vítimas da descaracterização cultural operada pelos códigos religioso e linguístico do colonizador europeu. De acordo com suas palavras “A América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontra na cópia do modelo original mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores”.⁶⁴ Este “fenômeno de duplicação” é um traço constitutivo dos povos colonizados, daí a questão de a originalidade das suas manifestações culturais ser pensada no espaço do choque das culturas e não de modo mecânico enquanto um fenômeno isolado. É importante destacar que, ao falar de choque das culturas, estou me referindo à questão da ferida colonial.

Acontece que esta sociedade “híbrida”, fruto da colonização europeia, iria contaminar os dois grandes mitos da cultura ocidental: as noções de *unidade e pureza*⁶⁵ – “Um só Deus, um só Rei, uma só Língua.”⁶⁶ É na destruição dessas noções que, para Silviano Santiago, residiria a maior contribuição da América Latina à cultura ocidental. Aos olhos desse crítico, a América Latina marcaria o seu lugar no vasto território da civilização ocidental, operando um “movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo”.⁶⁷ Ao decretar a falência

64 Ibid. p. 17; p. 14, 2ª edição Rio de Janeiro, editora Rocco, 2000.

65 Sobre esta “contaminação” Silviano Santiago indica um artigo de Oswald de Andrade, no qual aparece uma crítica às noções de unidade e pureza. Cf. Oswald de Andrade, Sol da meia noite, *In: Ponta de Lança*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 62.

66 Derrida trata da relação entre o signo e o nome da divindade, na sua obra *Da gramatologia*, São Paulo, Perspectiva, 1973 p. ?VER A PÁGINA CORRETA

67 Ibid., p. 18; 2ª edição Rio de Janeiro, editora Rocco, 2000, p. 16.

do método que se baseia no exame das “fontes”, esse ensaísta propõe, no seu lugar e como princípio metodológico, o conceito de Diferença⁶⁸:

Pela diferença, começa-se a pensar a instância de articulação de um texto sobre outro (s). Não mais são considerados os textos isoladamente, ou como pertencentes a um único modelo do mesmo, mas como um diálogo entre o mesmo e o outro. Recoloca-se portanto a problemática do ‘sujeito (do autor, em termos literários), pois não existe mais uma origem clara e altissonante que se deve buscar no processo de análise literária.⁶⁹

Segundo esse princípio metodológico, a relação do escritor latino-americano com a produção estrangeira se explicaria pela busca daquilo que Roland Barthes chama, em *S/Z*, de texto *escrevível*.⁷⁰ À diferença do texto *legível*, o texto *escrevível* é uma espécie de modelo produtor e não representacional, inaugurando uma outra relação com o leitor que, de simples consumidor e figura passiva, transforma-se em produtor. Já o texto *legível* é aquele que merece leituras mas não incita a escritura. Para Silviano Santiago, as leituras dos escritores latino-americanos trazem a marca inquieta e insubordinada da *escritura*, pois elas se “explicam pela busca de um texto *escrevível*, texto que pode incitá-los ao trabalho, servir-lhes de modelo na organização de sua própria escritura.⁷¹ De acordo com essa perspectiva, a análise se daria em dois níveis, cuja separação é

68 O conceito de diferença utilizado por Silviano Santiago é oriundo do pensamento filosófico de Jacques Derrida, conhecido também como o filósofo da “desconstrução” da Metafísica Ocidental, atacando os seus três alicerces: o Etnocentrismo, o Logocentrismo e o Fonocentrismo. A Diferença é muito mais um princípio operacional do que propriamente um conceito. À explicitação do seu significado, Derrida dedicou a conferência *A Diferença*, pronunciada na Sociedade Francesa de Filosofia em 27 de janeiro de 1968. Aqui indico apenas algumas referências do mencionado princípio através das palavras do próprio Derrida: “Saussure é antes de mais aquele que colocou o *arbitrário do signo* e o caráter *diferencial* do signo como princípio da Semiologia geral, particularmente da Linguística [...]. Numa língua, no *sistema* da língua não há senão diferenças [...] Mas, por outro lado, essas diferenças jogam: na língua, na fala também e nas trocas entre a *língua* e fala. Por outro lado, as diferenças são, elas próprias, *feitos*. Não caíram do céu inteiramente prontas; estão tão pouco inscritas num *topos noetos* como prescritas na cera do cérebro.” In *Margens da filosofia*, p. 31-40.

69 *Uma literatura nos trópicos*, 1ª edição, p. 199; 2ª edição editora Rocco, 2000, p. 208.

70 De acordo com Roland Barthes p. 208, “Há, por um lado o que é possível escrever e, por outro, o que já não é possível escrever; o que está na prática do escritor e o que se afastou dela [...] A avaliação descobre apenas este valor: o *escrevível* [...] A par do texto *escrevível* estabelece-se, então o seu contra-valor, o seu valor negativo, reativo: o que pode ser lido, mas não escrito: o *legível*. Chamamos clássico a todo texto *legível*.” In: *S/Z*, p. 12.

71 *Uma literatura nos trópicos*, 1ª edição, p. 22; 2ª edição, Rocco, 2000, p. 22.

apenas de caráter didático, já que eles operam simultaneamente: “Primeiramente, o crítico examina o uso que o escritor faz de um texto ou de uma técnica que pertence ao domínio público”, para, em seguida, deter-se na “[...] descrição da técnica que o mesmo escritor cria no seu movimento de agressão contra o modelo original, fazendo ceder as fundações que o propunham como objeto único e de reprodução impossível”.⁷²

Conforme o exposto até então, o conceito de Diferença permitiria pensar a problemática das influências no espaço instaurado pelo exercício da intertextualidade⁷³, que não é apenas um procedimento formal, mas comporta uma dimensão crítica que emerge do encontro das culturas operada no espaço do texto. Como bem observa Silviano Santiago, é somente a partir da “inserção” dessa “confusão de escrituras” que os textos ganham significado. Promovendo o choque das culturas – no caso do Brasil entre a europeia e a indígena, tendo como referência a Antropofagia – o exercício da intertextualidade, fazendo do espaço textual uma cena dramática e operando-se aí uma transgressão dos valores da cultura do colonizador e, por conseguinte, das noções de “fonte” e “influências.” Um exemplo inteligente e bem humorado dessa dramatização das escrituras acionada pelo exercício da intertextualidade o crítico em questão encontra na série de poemas “História do Brasil”⁷⁴, de Oswald de Andrade. Nela, a carta de Pero Vaz de Caminha (texto inaugural do descobrimento) e a “Carta” de Oswald de Andrade (texto segundo) estão de tal modo “inseridas” uma na outra, ficando a questão do autor totalmente embaralhada e problematizando-se, assim, as noções de sujeito (autor literário) e de origem, embaralhamento que é decisivo para a compreensão do discurso literário da modernidade. Com a palavra Oswald de Andrade:

72 Ibid., p. 22-3; 2ª edição editora Rocco, 2000, p. 20-21.

73 Apoiando-se em Kristeva, para quem “Todo texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de textos” Leyla Perrone-Moisés chama de “intertextualidade este trabalho constante de cada texto com relação aos outros, esse imenso e incessante diálogo entre obras que constitui a literatura. Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações”. In: *Texto, crítica, escritura*, São Paulo: Ática, 1978, p. 63.

74 Oswald de Andrade, *Obras Completas VII, Poesias Reunidas*, p. 80.

Pero Vaz de Caminha

a descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo

Até a oitava da Pascoa

Topamos aves

E houvermos vista de terra

os selvagens

Mostraram-lhes uma galinha

Quase haviam medo dela

E não queriam por a mão

E depois a tomaram como espantados

primeiro chá

Depois de dançarem

Diogo Dias

Fez o salto real

as meninas da gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis

Com cabelos mui pretos pelas espáduas

E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas

Que de nós as muito bem olharmos

Não tínhamos nenhuma vergonha

Pela “inserção”, o poema oswaldiano reveste-se de um gesto transgressor bombardeando humoristicamente os valores da cultura portuguesa ocidental cristã, componentes não apenas da “Carta de Pero Vaz de Caminha”, mas também de outros discursos que constituem esse vasto e heterogêneo texto, que é a cultura ocidental. Para fechar esse longo parêntese, aberto anteriormente como desdobramento das análises de Benedito Nunes sobre a questão da dependência cultural, nas palavras de Silviano Santiago:

Retomar o texto histórico do cronista, texto sério, e apropriá-lo dentro de uma estética do não sério, do jocoso é operar um mecanismo de *renversement* ideológico, que pode ser explicado pela coexistência

no mesmo momento escritural de afirmações que se contradizem. A afirmação e a negação, a contradição se afirma pela diferença (e não por uma simples síntese) ela existe como conceito operacional, pois é ela que pode dar conta deste criar pela destruição, deste destruir pela criação que mais e mais significa [...] o espírito moderno.⁷⁵

Considerando o exposto até agora, pode-se dizer que o contato da vanguarda brasileira – aqui me refiro principalmente a Oswald de Andrade e Mário de Andrade – com os “ismos” europeus foi ativo e seletivo. Como observa Benedito Nunes, atentos que estavam para os signos de uma nova época, os dois escritores modernistas souberam combinar no seu contato com as vanguardas europeias a “receptividade generosa e o senso crítico que rejeita, seleciona e assimila”.⁷⁶

Na trilha aberta pelas reflexões de Benedito Nunes, o espírito da vanguarda move-se entre os ritmos da destruição (Dadaísmo) e da construção (Futurismo, Cubismo e Surrealismo), interpretando-se como um novo primitivismo cujos componentes são a “[...] visão pura do cubismo, a *imagination sans fil* do futurismo, a agressividade dadaísta e a livre associação programática do surrealismo baseada na exploração “freudiana do inconsciente”⁷⁷ a vanguarda brasileira, principalmente nas figuras de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, compreende todas essas tendências, associando-as às dimensões popular, etnográfica e folclórica da primitividade brasileira. Portanto, no caso de Oswald de Andrade, a temática do primitivismo não era, como queria Heitor Martins, um mero caso de transplantação cultural. A sensibilidade moderna, ao apontar em direção ao arcaico, entre nós existindo em estado de cultura ativa, “situava-nos no território comum e suprageográfico, onde a fusão do originário com o novo situava os próprios rebeldes europeus”.⁷⁸

Para concluir esse segundo item do nosso cardápio, pode-se afirmar que os manifestos *Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928) vão fundir as contribuições das vanguardas europeias à maneira da ‘assimilação produtiva’.

75 *Uma literatura nos trópicos*, p. 200, 1ª edição; 2ª edição p. 209, ed. Rocco, 2000.

76 Antropofagia e vanguarda – acerca do canibalismo literário, *In: Oswald Canibal*, p. 21.

77 *Ibid.*, p. 24.

78 *Ibid.*, p. 24.

Os principais conceitos estéticos do texto de 1924 são oriundos do Futurismo e do Cubismo: a síntese, o equilíbrio geométrico, o acabamento técnico, pela invenção e pela surpresa, constituem os princípios formais fundamentais da poética *Pau-Brasil*, manifesto repleto de imagens que resultam da aplicação desses procedimentos formais aos elementos populares e etnográficos da cultura brasileira. *Pau-Brasil* é, ele próprio, o resultado desses princípios poéticos, constituindo-se num verdadeiro e genuíno exercício de metalinguagem, característica que o coloca no mesmo plano dos manifestos vanguardistas europeus.

Vale lembrar que, através da sua tese central – a originalidade nativa –, o manifesto *Pau-Brasil* acenava para a contradição entre o arcaico e o moderno, o primitivo e o civilizado, inerente à dialética do Modernismo e que Oswald sintetizou de modo singular na imagem da relação entre a “*Floresta e a Escola*”. No texto de 1924 essa contradição, que remete à ‘ferida colonial’, se resolveria graças a um processo de assimilação espontânea. O *Manifesto Antropófago* irá reabrir essa ferida através de uma crítica mordaz e corrosiva da cultura intelectual via a temática do primitivismo, usado como uma espécie de arma a disparar contra o arcabouço ético, social, religioso e político da história brasileira, heranças do nosso passado colonial. A questão se reveste de capital importância para a abordagem que adoto nesse texto, quando se trata de pensar a atualidade crítica da Antropofagia. Introduzir essa questão – a atualidade crítica da devoração antropofágica – será o próximo prato do cardápio servido ao leitor como sobremesa.

Sobremesa: A devoração Antropofágica: a transformação permanente

Ao expor a ‘ferida colonial’ através dos aforismos que constituem o manifesto Antropófago, torna visível a força crítica do pensamento selvagem que, “[...] sob a forma do inconsciente coletivo, antropofágico, torna-se nele, como fonte de valores metafísicos, éticos, estéticos e políticos, um meio de violenta transparência, à luz do qual sobressaem outras mais profundas contradições, que dependem das estruturas sociais

e da origem colonial da nossa história”.⁷⁹ Nessa perspectiva, a ideia de assimilação ganha, no *Manifesto Antropófago*, novo relevo

[...] alcançando sentido de ação vital de rebeldia espontânea e permanente, que se entronca a uma anti-história e uma anti-sociedade de que a antropofagia ritual é símbolo e cujos antecedentes unem o humanismo crítico de Montaigne à revolução surrealista do imaginário contra o poder da censura do superego⁸⁰.

Esse processo de desconstrução da cultura ocidental e de desnudamento das nossas raízes culturais encontraria no mito um instrumento crítico poderoso que será utilizado para desmitificar a história do Brasil, trazendo à tona o que permanecera oculto pela colonização portuguesa e, assim procedendo, acenaria para o horizonte utópico do Matriarcado de Pindorama que poria fim ao sistema de sublimações antagônicas próprias a cultura do patriarcado.

A tese da originalidade nativa alcança, no texto de 1928, toda a sua amplitude. A Antropofagia, enquanto herdeira dos instintos ancestrais da espécie, estaria na origem de todas as revoluções, mesmo da surrealista; ponto de partida da nossa história, a herança caraíba extrapolava os limites histórico-geográficos e transformava-se no solo de compreensão do mundo civilizado. Na linha de análise explorada por Benedito Nunes e que adoto como instrumento de análise da Antropofagia, pode-se dizer que os vários canibalismos literários da época não preenchiam a imagem do antropófago de Oswald de Andrade e o conceito de assimilação que lhe é correlato. Ao fazer essa constatação, o ensaísta não pretende negar a presença do canibalismo Dada e da rebeldia surrealista nos textos oswaldianos. Apenas que esses componentes, na medida em que são trabalhados à luz dos materiais populares e etnográficos da cultura brasileira, dão ao texto oswaldiano uma originalidade que os canibalismos europeus não comportavam.

79 Benedito Nunes, *Oswald Canibal*, p. 34; Oswald de Andrade coloca lado a lado a influência dos jesuítas (moral catequética) e a influência da mentalidade doutoresca de Coimbra. Ambas afirmam os valores do patriarcado que “abriga a moral sexual da Cegonha, a autoridade do senhor de escravos, o regime da grande propriedade (por oposição a propriedade coletiva indígena).” Ver nota 45, p. 34.

80 *Ibid.*, p. 34.

É fundamental enfatizar que a “pilhagem”, da qual é acusado por Heitor Martins, não se dá apenas em relação ao campo das manifestações artísticas. O raio de abrangência dessa atitude antropofágica vai mais longe: Oswald de Andrade está “de olho” também nas ideias que estão na ordem do dia nos campos da filosofia e das ciências humanas e, num gesto de ousadia, faz uma pilhagem filosófica das ideias em Marx, Freud, Nietzsche, Kierkegaard, Engels, para citar apenas alguns nomes que marcaram lugar no *Manifesto Antropófago* de 1928, para propor, na trilha aberta por esses pensadores, que a força vital do homem é a devoração. Lembro aqui que, desde seus inícios, a filosofia antropofágica afirmava que:

[...] a descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo. Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida cujo segredo está – o que os sábios ignoram – na transformação do tabu em totem. Por isso aconselhamos: absorver sempre e diretamente o tabu.⁸¹

Para finalizar, exploro rapidamente alguns aspectos dessa ‘descida antropofágica’ enquanto gesto de devoração que tem como alvos (como alimento) os símbolos, emblemas e signos da ‘ferida colonial’ decorrentes da colonização europeia e de todos os colonialismos que ainda insistem em habitar nosso imaginário, quando se trata de pensar o que ‘é’ e como ‘deve ser’ o Brasil. Na “descida”, o manifesto faz colidir as visões de mundo dos ameríndios e dos civilizados, estilhaçando a centralidade da racionalidade europeia e denunciando-a na perspectiva das ‘catequeses de pensamento’, como aparece nos seguintes aforismos: ‘Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos gracos’, “Contra todos os importadores de consciência enlatada.”⁸²

A devoração antropofágica, alvo de inúmeras leituras equivocadas, foi vista como a busca de uma ‘identidade nacional’ resultante da mistura do estrangeiro com os elementos locais. No entanto, Oswald de Andrade

81 Japy-Mirim. In: *Revista de Antropofagia*, 2ª edição, Diário de São Paulo, 24/03/1929; Brasiliense USP.

82 Manifesto Antropófago, pp. 13-14, in *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

recusa os paradigmas ocidentais, sendo fundamental dizer que o gesto de devoração não tem como objetivo elaborar uma “identidade nacional” e não está interessado na ‘brasilidade’ como resultado da ingestão do elemento estrangeiro. Nas palavras de Oswald:

Nós não somos, nem queremos ser, brasileiros, nesse sentido político-internacional: brasileiros-portugueses, aqui nascidos, e, que um dia, se insurgiram contra seus próprios pais. Não. Nós somos americanos: filhos do continente América; carne e inteligência a serviço da gleba.⁸³

Reconheço que inúmeros aspectos do *Manifesto Antropófago* não foram contemplados no presente artigo devido ao recorte escolhido, cujo eixo é a questão da originalidade, ou não, da vanguarda antropófaga liderada por Oswald de Andrade, que foi explorada através da presença do tema do primitivismo presente nas vanguardas europeias e na Antropofagia oswaldiana. Temas como a devoração de Nietzsche por Oswald de Andrade, o sentimento órfico, a noção de tempo utilizada no manifesto, a oposição matriarcado/patriarcado, o bárbaro tecnizado, para citar alguns elementos da filosofia antropofágica que ficarão para outro cardápio, quem sabe no formato de cursos, palestras ou conferências... Importante salientar estudos recentes que consideram a Filosofia Antropofágica⁸⁴ na perspectiva do pensamento decolonial, como o faz o Luis Felipe Garcia⁸⁵, e como observa Eduardo Viveiros de Castro⁸⁶ ao se referir ao Manifesto Antropófago enquanto “‘decolonial’ *avant la lettre*.”

Finalizando, convoco as palavras da ‘antropófoga’ Beatriz Azevedo⁸⁷ sobre a atualidade e força da Antropofagia:

83 Oswald de Andrade, *Os Dentes do Dragão*, p. 44.

84 Refiro-me ao manifesto e aos textos ensaísticos como *A crise da filosofia messiânica* e *A marcha das utopias* e demais ensaios de Oswald de Andrade.

85 Luis Felipe Garcia, Filosofia e antropofagia: em busca de nosso centro de gravidade. In: *IV Colóquio Pensadores Brasileiros*. Coletânea de textos 2020. Editora Fi, 2020, pp. 29-54.

86 Eduardo Viveiros de Castro Que temos nós com isso? In: Beatriz Azevedo, *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2016, p. 14.

87 AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2016, p. 215.

Penso que a força da antropofagia oswaldiana resiste justamente por nos lembrar que o ‘homem primitivo’, o ‘homem nu’, o ‘homem natural’, ou seja, o antropófago, vive em todos nós não como passado ancestral a ser recuperado, não enquanto ‘identidade nacional’, mas como uma dimensão vital e necessária, uma fonte matriarcal de desejo lúdico que questione as dominações patriarcais, do Estado, da família, da religião, da lógica, da gramática.

Desejo que a leitura do artigo e o alerta das palavras desta autora despertem nos leitores e leitoras essa dimensão vital e necessária da vida como devoração, dimensão fundamental para a construção de formas outras de pensar e habitar mundos por vir.

Referências

- ANDRADE, Oswald. A Crise da Filosofia Messiânica. In: *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Os Dentes do Dragão*. São Paulo: Editora Globo, 1990.
- _____. *Estética e Política*. São Paulo: Editora Globo, 1992.
- AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- _____. Será esse o futuro do século XXI? In *Revista Das Questões: Antropofagias futuras*, V. 11, n.1, abril de 2021; disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37657>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: sob o signo da devoração. In: *Colóquio/ Letras*. Lisboa, nº 62, julho, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva/Secretaria do Estado de Cultura, Esportes e Turismo – Conselho Estadual de Cultura, 1971. (Col. Debates).
- MARTINS, Heitor. Canibais Europeus e antropófagos brasileiros. (introdução ao estudo das origens da antropofagia. In: *Oswald de Andrade e outros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1973.
- NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Col. ELOS).
- _____. Antropofagia ao alcance de todos. In: *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.

São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura e da Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. (Col. Debates, 55).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Que temos nós com isso? *In*: AZEVEDO, Beatriz *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.